

PRÁTICAS DOCENTES ANTIRRACISTAS: VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

ARNALDO ANTÔNIO DUARTE DE DUARTE JUNIOR¹; RAFAEL MENDES²;
GILCEANE CAETANO PORTO³:

¹*Universidade Federal de Pelotas – arnaldo.deduarte@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rafaelmendesufpel@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência busca tecer considerações sobre as tentativas de implementação de uma prática pedagógica antirracista em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental, durante o estágio de docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Este tema fez parte dos estudos desenvolvidos no projeto de ensino do PET Pedagogia denominado “Grupo de estudos: Estágio com o PET”. Durante o desenvolvimento do projeto, discutimos o quanto a educação antirracista se apresenta como um imperativo ético e político na sociedade brasileira, que se desenvolveu a partir da exploração do trabalho escravo. A escola, como espaço de socialização e construção de conhecimentos, desempenha um papel crucial na desconstrução de preconceitos e na promoção da igualdade racial, por ser também um importante instrumento para a transformação social.

A lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas (BRASIL, 2003), representa um marco importante nesse processo. A efetivação dessa lei requer não apenas a inclusão de conteúdos específicos no currículo, mas também a transformação das práticas pedagógicas, de modo a valorizar a diversidade cultural e combater o racismo em todas as suas manifestações, objetivando a descolonização dos saberes escolares. No entanto, a implementação dessa lei enfrenta desafios, especialmente no que se refere à formação de professores e à produção de materiais didáticos adequados. DIAS (2005) aponta que as brechas da lei 10.630/2003, marcada por sua falta de clareza, torna a pauta racial facilmente ignorável, utilizando-se desta como um mero recurso discursivo.

Essa busca exige uma profunda reflexão sobre o currículo, as relações interpessoais na escola e a formação docente. É necessário que os professores estejam preparados para lidar com as questões raciais de forma crítica e reflexiva, reconhecendo a diversidade cultural e combatendo o racismo em todas as suas manifestações. A formação inicial docente deveria desempenhar um papel fundamental nesse processo, afim de proporcionar aos futuros professores as ferramentas teóricas e práticas necessárias para desenvolver uma pedagogia antirracista. No entanto, como aponta SILVA (2001), a formação inicial muitas vezes não oferece um preparo adequado para lidar com as questões raciais, o que pode levar à perpetuação do racismo na escola e, por consequência, na sociedade.

Frente ao racismo, que se baseia na discriminação sistemática da raça e que se manifesta através de práticas conscientes e inconscientes que acabam por resultar em desvantagens para determinado grupo racial e privilégios para outro (SILVA, 2001), a educação necessita ocupar um espaço de luta emancipatória da população negra perante a opressão de tal ideologia, evidenciando a

responsabilidade da instituição escolar, tratando-se especificamente de pautas étnico-raciais, na perpetuação dos preconceitos, da discriminação e das desigualdades raciais ao manter o status quo da sociedade atual (CAVALLEIRO, 2010; SANTOS, 2005).

Diante desse cenário, o presente relato busca compartilhar as experiências vivenciadas durante o estágio de docência, com o objetivo de refletir sobre as práticas pedagógicas realizadas e contribuir para essa discussão, refletindo sobre as possibilidades e os desafios da implementação para uma prática docente voltada para as relações étnico-raciais, bem como para a valorização da cultura africana e afro-brasileira, partindo de uma perspectiva de educação antirracista. A seguir, apresento as atividades realizadas ao longo do estágio.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante o período de estágio de docência, foram desenvolvidas diferentes atividades pensadas para o trabalho com as relações étnico-raciais que buscavam valorizar a cultura africana e afro-brasileira, como a leitura de livros com protagonistas negros, a discussão sobre a história da diáspora africana por uma perspectiva decolonial, a realização de brincadeiras típicas de países africanos, e a exploração de ritmos musicais afro-brasileiros. A implementação dessas atividades não foi isenta de desafios. Um dos principais obstáculos enfrentados foi a falta de materiais didáticos, recursos pedagógicos e documentos orientadores para o desenvolvimento de práticas antirracistas.

As discussões sobre a diáspora africana se deram a partir de outros elementos, como o trabalho com a história da cidade de Pelotas e seus elementos culturais, e com a origem do samba, enquanto um ritmo afro-brasileiro. O objetivo com tais trabalhos era mostrar às crianças a grande influência da cultura dos povos afro diaspóricos para o desenvolvimento da cultura brasileira e da cidade de Pelotas. Desta forma, foram selecionados os elementos culturais da cidade que tinham influência dos povos afro diaspóricos, como a tradição doceira da cidade de Pelotas, atrelando ao trabalho com o gênero textual receita, e a menção do samba como um elemento importante dessa cultura, em relação a importância do carnaval da cidade e da criação do tambor de sopro, instrumento criado pelo povo afro diaspórico na cidade de Pelotas. Partindo de tais questões, buscou-se realizar a discussão sobre a diáspora africana, a fim de responder a pergunta: “Por que há tanto da África no Brasil?”. As aulas sobre a cultura pelotense foram mais expositivas e com auxílio de recursos textuais, enquanto a discussão sobre a colonização foi abordada de maneira breve, apenas para responder rapidamente a pergunta anterior.

Quanto ao trabalho com o samba, exploramos a cultura angolana, abordando o assunto através de fotos e da história do Lundu, ritmo precursor do samba. Novamente, houve uma discussão sobre a diáspora africana. Desta vez, ao invés de um caráter expositivo, houve uma contação de história sobre como os exploradores portugueses, após explorar e roubar seu próprio povo, saíram em busca de explorar outros lugares e povos. O objetivo com tal abordagem era começar colocando os colonizadores em um lugar de vilania da história, mencionando a残酷 do processo de colonização e suas consequências contemporâneas, mencionando a tentativa de apagamento da cultura dos povos afro diaspóricos e dos movimentos de resistência, sendo o samba parte desse movimento. Esta abordagem foi mais próxima de uma linguagem infantil, mas, ao mesmo tempo, percebeu-se que, ainda

assim, havia um grande distanciamento entre as crianças e os elementos culturais originários dos povos afro diaspóricos.

As atividades com brincadeiras de diferentes países africanos foram desenvolvidas para aproximar um pouco mais as crianças da cultura africana ao mesmo tempo que foi um momento lúdico e de movimentação corporal. As brincadeiras escolhidas tinham, em sua maioria, um contexto envolvendo animais que habitam a savana africana, possibilitando a exploração do bioma atrelando às brincadeiras, além da exploração da cultura de cada país. As brincadeiras eram realizadas semanalmente, nas terças-feiras, no pátio da escola.

Durante as últimas semanas do estágio de docência, iniciamos o trabalho com o gênero textual conto. Com esta proposta a turma pode conhecer diferentes contos dos diversos países africanos. O primeiro contato com um conto africano se deu através da história da mitologia africana que conta como a orixá Iemanjá criou as ondas do mar. Todo o trabalho com o gênero textual foi contextualizado a partir de contos africanos, aproximando as crianças da cultura africana. Desta forma, tal cultura se tornou parte das práticas pedagógicas e da aprendizagem das crianças. Os contos apresentavam histórias contadas às crianças africanas para explicar situações diversas, como o porquê dos ratos entrarem dentro das casas, o motivo que leva os cachorros a cheirar a cola um do outro e a lenda do surgimento do tambor.

Todo o trabalho voltado para a cultura africana e afro-brasileira, atrelado às práticas pedagógicas das diferentes áreas do conhecimento ressaltam o compromisso com uma educação para a valorização da diversidade cultural e de combate ao racismo, ao mesmo tempo que caminha em direção à descolonização dos saberes valorizados no âmbito escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio relatada neste trabalho, apesar de demonstrar união das diferentes áreas do conhecimento aos elementos culturais africanos e afro-brasileiros, evidenciou a complexidade e os desafios da implementação de uma educação para as relações étnico-raciais, antirracista e afrocentrada nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A falta de materiais didáticos adequados e de preparo para práticas que contrapõem aos saberes eurocêntricos e universais de uma educação colonizada, foi um dos obstáculos enfrentados ao longo de todo processo.

O despreparo, em relação à educação em uma perspectiva antirracista, decorrente da formação inicial, não apenas corroborou para uma prática atravessada pela insegurança, mas também destacou as dificuldades em lidar com comportamentos racistas presenciados em algumas aulas.

A experiência evidenciou a necessidade de uma formação docente inicial e continuada crítica e reflexiva para o desenvolvimento de práticas pedagógicas transformadoras, pois o despreparo para um trabalho docente voltado às relações étnico-raciais é um obstáculo que se soma com a falta de recursos adequados. A educação antirracista é vista como uma luta coletiva, que exige engajamento em busca de práticas educativas decoloniais. A escola, enquanto instituição, influenciada pela cultura dominante, muitas vezes negligencia o trabalho com as relações étnico-raciais. A busca por uma prática pedagógica antirracista é um ato político, que requer luta e amorosidade, visando a transformação social e o combate à opressão. A busca por novos referenciais teóricos são importantes para o

desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e coerentes com os princípios da educação antirracista, porém há a necessidade de uma formação a partir de um trabalho sistemático, a fim de capacitar os docentes para realizar uma prática voltada para tais questões.

Como resultado das práticas relatadas, a narrativa sobre o processo de colonização, apesar de impactante, pareceu não gerar grande comoção nos alunos. O que leva a concluir que há uma necessidade de, primeiramente, conseguir estabelecer um ambiente de valorização das culturas afro-diaspóricas e construção de uma identidade afrodescendente. Para tal, torna-se necessário que a valorização dessas culturas seja tratada como regra e não a exceção, fazendo parte integral do processo educativo. É fundamental que a escola, como espaço de socialização e construção de conhecimentos, assuma seu papel na luta contra o racismo e combate contra a desigualdade racial.

As práticas do estágio de docência relatadas neste trabalho, apesar de suas limitações, representam um passo importante nessa direção. A experiência demonstrou que, mesmo diante dos desafios, construir práticas pedagógicas que valorizem a cultura africana e afro-brasileira e contribuam para a transformação da sociedade, são fundamentais para uma práxis educativa emancipatória e potentes no combate ao racismo e na luta pela descolonização dos saberes.

. Esta reflexão é um elemento fundamental para a formação docente, pois permite identificar os pontos fortes e as fragilidades do trabalho desenvolvido, bem como as necessidades de aprimoramento da formação docente.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil / Eliane dos Santos Cavalleiro 6. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Lucimar Rosa. Quantos Passos já foram dados? A questão de Raça nas Leis Educacionais - da LDB de 1961 à Lei 10.639 de 2003. In: História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei no 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. In: Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Maria Aparecida da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.